Acolhimento e integração no discurso de sujeitos deslocados no Brasil*

Glaucia Muniz Proença Lara**
https://orcid.org/0000-0003-3813-1850

Como citar este artigo: LARA, G. M. P. Acolhimento e integração no discurso de sujeitos deslocados no Brasil. *Todas as Letras – Revista de Língua e Literatura*, São Paulo, v. 27, n. 1, p. 1-18, jan./abr. 2025. DOI: https://doi.org/10.5935/1980-6914/eLETLL17338

Submissão: 6 de agosto de 2024. **Aceite:** 9 de abril de 2025.

Resumo: O objetivo deste artigo é analisar, à luz da Análise do Discurso Francesa, narrativas de vida de dois migrantes/refugiados, a fim de apreender como eles relatam seu acolhimento e sua adaptação ao Brasil. Os resultados revelam que se, por um lado, os dois narradores reclamam da hostilidade com que foram recebidos por alguns brasileiros, por outro lado, destacam o apoio de amigos e instituições (organizações não governamentais, igrejas) em seu acolhimento/integração, o que aponta para certa ineficiência do Estado em implementar políticas públicas que propiciem aos sujeitos deslocados uma vida digna em nosso país.

Palavras-chave: Sujeitos deslocados. Acolhimento. Integração. Análise do discurso. Brasil.

* Este artigo está vinculado à pesquisa "Refugiados no Brasil e na França: discursos e imagens", desenvolvida atualmente (2023-2026) junto à Faculdade de Letras/UFMG, com Bolsa de Produtividade em Pesquisa do CNPq.

** Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, MG, Brasil. *E-mail*: gmplara@gmail.com

Este artigo está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional

Introdução

Nosso interesse pelo discurso "de" e "sobre" sujeitos em situação de vulnerabilidade resulta de nosso "lugar de fala": o da Análise do Discurso Francesa (ADF), teoria que embasa nossas reflexões atuais. A interdisciplinaridade que atravessa a ADF permite que ela estabeleça um diálogo produtivo com outras disciplinas/outros domínios, sem perder de vista seu enraizamento na linguística discursiva. Neste artigo, buscamos estabelecer interfaces com História, com a (Etno)Sociologia e com a Filosofia para tratar do complexo e instigante tema das migrações internacionais contemporâneas.

Ora, discorrer sobre esse tema constitui, atualmente, um dos principais desafios mundiais, haja vista sua dimensão, que pode ser constatada pelo número cada vez maior de pessoas que têm se deslocado internacionalmente por razões diversas, por exemplo, para fugir de problemas que assolam seus países de origem (conflitos, guerras), por motivações ligadas a estudo e/ou trabalho.

Nesse sentido, é preciso distinguir, de imediato, dois grandes tipos de migração: a forçada, que diz respeito aos refugiados, e a voluntária, ligada aos migrantes. Assim, migrantes são aqueles que partem por vontade própria, mesmo que seja na tentativa de escapar da fome e da pobreza. Eles buscam, em geral, melhores condições de vida em outro país e têm a possibilidade de retornar sem riscos ao país natal, inclusive com proteção estatal, embora não contem com proteção internacional específica, dependendo das leis e dos processos internos de cada país (Sant'Ana, 2022).

Já os refugiados constituem uma categorização social que dá acesso à proteção internacional. Assim, do ponto de vista legal, o refugiado é qualquer pessoa que muda de país, buscando fugir de conflitos armados, perseguições (política, étnica, religiosa, entre outros) ou violações de direitos humanos, como postula a Convenção de Genebra (1951) (ratificada e ampliada pelo Protocolo de 1967), e os refugiados estão sob o mandato do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (Acnur), cuja função é assegurar e proteger os direitos das pessoas em situação de refúgio em todo o mundo (Calabrese, 2018; Sant'Ana, 2022; Lara, 2021; 2023). Embora a dicotomia entre migrantes e refugiados seja bastante clara no papel, nem sempre é possível distingui-los na prática, o que leva alguns autores a postular, não uma oposição, mas um *continuum* entre migração voluntária e migração forçada (Bartram; Poros; Monforte, 2014).

Embora este artigo não tenha caráter quantitativo – sendo, antes, qualitativo e interpretativo –, apresentamos, a seguir, alguns números que podem ajudar a visualizar as migrações internacionais contemporâneas de forma mais clara. Wenden (2020), por exemplo, menciona que, depois do fim da Guerra Fria (1947--1991), a cifra de migrantes internacionais elevou-se de 77 milhões, no meio dos anos 1970, a 271 milhões nos dias atuais.

Segundo dados mais recentes do Acnur relativos aos refugiados, até o final de 2023, mais de 117 milhões de pessoas permaneceram deslocadas à força, representando um aumento de 8% em relação ao ano anterior (um acréscimo de 8,8 milhões de pessoas), o que dá continuidade a uma tendência de aumentos anuais há 12 anos[1]. No Brasil, em 2023, foram contabilizadas 58.628 solicitações

1 Disponível em: https://www.acnur.org/portugues/dados-sobre-refugiados/. Acesso em: 13 jul. 2024.

DOI 10.5935/1980-6914/eLETLL17338

de reconhecimento da condição de refugiado, com destaque para os venezuelanos, responsáveis por 29.467 (50,3%) dos pedidos (*Refúgio em Números*, 2024)[2].

Esse significativo volume de deslocados, ainda que não represente mais do que 3,6% de população mundial (*World Migration Report,* 2020)[3], surge aos olhos dos dirigentes políticos e de boa parte da população mundial como um fenômeno tão inquietante quanto ingerível, criando um terreno fértil para o surgimento de gestos e discursos de teor estigmatizante e xenófobo (Lara, 2023). Isso pode ser constatado, principalmente, em períodos eleitorais, nos quais os pronunciamentos dos candidatos se constroem, não raro, em torno do "perigo do inimigo", da "crise", do "medo do outro", figuras que, alimentadas pelas mídias e por partidos de extrema direita, servem tanto para orientar (negativamente) a opinião pública quanto para justificar o fechamento de fronteiras e a implementação de políticas migratórias cada vez mais rígidas (Emmanuelli, 2017; Bisiaux, 2021). Um exemplo recente: em comícios eleitorais nos Estados de Iowa (16 de janeiro de 2024) e de Nova York (31 de maio de 2024), o presidente Donald Trump (1946-) chamou os imigrantes de "criminosos", "doentes mentais" e "terroristas", prometendo, se eleito, fechar a fronteira dos Estados Unidos e investir na deportação em massa[4].

Mas será que os migrantes e refugiados são tão ameaçadores assim? Essa questão remete a outras mais específicas:

1) Como os próprios migrantes e refugiados se veem?
2) De que forma eles descrevem seu acolhimento e os desafios enfrentados na sua integração à nova sociedade?
3) Como eles são tratados pela população em geral, sobretudo quando se pensa na imagem (estereotipada) da cordialidade do povo brasileiro?

Quanto a essas questões, não é difícil constatar que raramente se dá a palavra no espaço público aos sujeitos em situação de vulnerabilidade para que eles contem a sua própria história. Não por acaso, eles ganham frequentemente o rótulo de "sem voz", sendo, desse modo, falados pelo "discurso oficial" e/ou convertidos em algarismos. Assim, uma das características inerentes a esses grupos é sua invisibilidade/inaudibilidade sociais, o que gera, para mim, o desejo de resgatar as vozes e as imagens de migrantes e refugiados que se escondem por trás dos números ou das falas de outrem, mobilizando *récits de vie* (Bertaux, 2005) – conceito (etno)sociológico que fazemos dialogar com a ADF. Afinal, estamos diante de pessoas que têm nomes, sentimentos e uma trajetória de vida.

Se, atualmente, muito se fala de uma "crise migratória", preferimos, em sintonia com pesquisadores como Emmanuelli (2017) e Bisiaux (2021), pensar que há, de fato, uma "crise de acolhida", o que nos levará a examinar o que dizem, em suas narrativas de vida, os próprios migrantes e refugiados. Para essa análise e posterior comparação, buscaremos respaldo em alguns planos da Semântica Global de Maingueneau (2005). Já para falar de acolhimento/hospitalidade e integração, vamos nos apoiar em pesquisadores como Derrida (2003), Boudon (2017), Agier (2018) e Bernardot (2019).

2 Disponível em: https://www.gov.br/mj/pt-br/assuntos/seus-direitos/refugio/refugio-em-numeros-e-publicacoes. Acesso em: 13 jul. 2024.

3 Disponível em: https://worldmigrationreport.iom.int/wmr-2020-interactive/?lang=ES. Acesso em: 26 ago. 2021.

4 Dados disponíveis em: https://www.cartacapital/mundo e https://g1.globo.com>notícias>2024/05/31. Acesso em: 10 jul. 2024.

DOI 10.5935/1980-6914/eLETLL17338

Nosso objetivo geral é, pois, analisar – e comparar –, à luz da ADF, particularmente, de alguns planos da Semântica Global, narrativas de vida de migrantes/refugiados residentes em Belo Horizonte (MG), a fim de tratar de questões relacionadas à forma como eles relatam seu acolhimento no Brasil e seu processo de adaptação à nova sociedade.

Com isso, pretendemos não apenas contribuir para que o discurso dos sujeitos que, geralmente, são destituídos de fala e "falados" por outrem, se torne audível, mas também lançar luz sobre as noções de acolhimento/hospitalidade e integração, contribuindo com as questões levantadas para que possamos (re) pensar políticas públicas mais condizentes com a situação de vulnerabilidade dos grupos considerados.

Discutindo algumas noções basilares

Narrativa de vida – o que é e como se faz

A noção de *récit de vie* (ou "narrativa de vida", em tradução livre de Machado [2020; 2021], que seguimos aqui) foi utilizada, inicialmente, no âmbito da Sociologia e da Etnossociologia na França, em 1976, por Daniel Bertaux (2005). Tomando como foco a questão da mobilidade social desde os anos 1970, o sociólogo fez uma pesquisa consistente com as *récits de vie*, tornando-se um especialista amplamente reconhecido na área das Ciências Sociais. Para ele, há narrativa de vida desde que um sujeito conte a outra pessoa (pesquisador ou não) um episódio qualquer de sua experiência vivida (no caso deste trabalho, o acolhimento e a integração que se inserem na experiência migratória dos sujeitos pesquisados). Trata-se de uma concepção "minimalista" que a distingue, portanto, de outro gênero[5] próximo: a autobiografia, que seria "[...] uma narrativa de vida completa" (Bertaux, 2005, p. 38-39).

A narrativa de vida, por outro lado, aproxima do testemunho, já que testemunhar implica que alguém esteve no "lá" e no "então" e que, portanto, no "aqui" e no "agora", pode recontar, restituir o que viu, ouviu ou viveu. Isso sem perder de vista que realidade e ficção, não raro, se imbricam no relato do sujeito, cabendo ao leitor lidar com essa tênue fronteira entre as duas instâncias. Afinal, uma narrativa de vida não possui um estatuto de "verdade", de um real fora da linguagem, o que nos obriga a pensá-la como uma verbalização de eventos vividos ou imaginados (Canut; Sow, 2014).

Ora, se o testemunho não é em si mesmo um gênero de discurso, podendo estar presente em vários gêneros instituídos (no campo jurídico, literário, tecnológico, entre outros) (Fontanille, 2007), assumimos que a narrativa de vida é um gênero discursivo atravessado por uma dimensão testemunhal, podendo, nessa condição, funcionar como um "gesto" de resistência perante o negacionismo, o discurso oficial, os estereótipos que cercam os deslocados (como vimos, por exemplo, nos discursos de Trump).

5 No caso da narrativa de vida, não há um consenso entre os pesquisadores se se trata (ou não) de um gênero de discurso. Nossik (2014) admite que a narrativa de vida é, ao mesmo tempo, um gênero de discurso específico e um lugar de liberdade discursiva, posição que assumo neste trabalho.

DOI 10.5935/1980-6914/eLETLL17338

Acolhimento/hospitalidade e integração – injunções e desdobramentos

Derrida (2003), um dos maiores estudiosos do tema da hospitalidade (que tomamos aqui como equivalente a acolhimento), defende que a hospitalidade que ele gostaria de oferecer ao estrangeiro deveria ser incondicional e ilimitada. Assim,

> *[...] a hospitalidade absoluta exige que eu abra minha casa e não apenas ofereça ao estrangeiro (provido de um nome de família, de um estatuto social de estrangeiro, etc.), mas ao outro absoluto, desconhecido, anônimo, que eu lhe* ***ceda lugar****, que eu o deixe vir, que o deixe chegar, e ter um lugar no lugar que ofereço a ele, sem exigir dele nem reciprocidade (a entrada num pacto), nem mesmo seu nome. A lei da hospitalidade absoluta manda romper com a hospitalidade de direito, com a lei ou a justiça como direito* (Derrida, 2003, p. 23-25, grifo do autor).

Nesse sentido, o autor estabelece uma distinção entre "a" lei da hospitalidade, isto é a lei incondicional da hospitalidade ilimitada, e "as" leis da hospitalidade, entendidas como "esses direitos e deveres sempre condicionados e condicionais" (Derrida, 2003, p. 69). Embora admitindo que "a" lei incondicional necessita "das" leis para ser o que ela é, o autor conclui que "[...] essa lei incondicional da hospitalidade [...] seria então uma lei sem imperativo, sem ordem e sem dever. Uma lei sem lei, em suma" (Derrida, 2003, p. 71).

Autores como Boudon (2017) e Agier (2018), porém, criticam essa hospitalidade que acolhe sem impor condições. Para Boudon (2017, p. 151), diante das crises migratórias que se tornam um regime normal de circulação dos mais necessitados, a hospitalidade deve ser considerada a partir das condições efetivas de acolhida, recebendo um tratamento "realista". Nessa perspectiva, admitindo que a hospitalidade não pode nunca ser um conceito puro, já que ela é política, o autor afirma que a hospitalidade incondicional se vê sempre em tensão com suas práticas condicionais, tornando-se "[...] uma abstração filosófica que não consegue dar conta de seu enraizamento político"[6] (Boudon, 2017, p. 18). Aliás, o próprio Derrida parece reconhecer essa impossibilidade quando afirma: "Um ato de hospitalidade só pode ser poético" (Derrida, 2003, p. 4).

Na visão de Boudon (2017), a hospitalidade não depende da benevolência de quem acolhe, mas de um compromisso político de luta contra a dominação. Considerando que reduzir a dominação é precisamente o significado fundamental da justiça, ele conclui que levar em conta os estrangeiros é a primeira condição para o exercício da hospitalidade, a qual, por sua vez, é uma condição da política democrática.

Agier (2018), por sua vez, afirma que, ao longo da história da hospitalidade, suas funções foram, progressivamente, sendo substituídas pelos direitos de asilo e do refugiado, para, em seguida, ter esses mesmos direitos diluídos nas políticas de controle das fronteiras, dos territórios e da circulação, a ponto de não ser mais possível reconhecer um princípio geral de hospitalidade. Diante desse quadro, o autor questiona-se como proceder para repensar a hospitalidade.

Segundo Agier (2018), é preciso compreender o sentido das ações empreendidas em nome da hospitalidade, de forma associada à solidariedade, mas também à política. Nesse sentido, em sintonia com Boudon (2017), critica Derrida,

6 Tradução livre de: "*[...] une abstraction philosophique qui ne parvient pas à rendre compte de son enracinement politique*".

afirmando que a hospitalidade pura e infinita que ele defende, visando a um estrangeiro absoluto e fora de contexto, pode ser ética, mas é impossível de ser posta em prática na vida real. Nessa perspectiva, a hospitalidade é sempre uma relação, não sendo, portanto, desprovida de condições.

Postulando a existência de um sentido mais restrito de hospitalidade (relação entre duas pessoas: a que acolhe e a que é acolhida) e um sentido mais amplo (público), em que o mais adequado seria falar de política de hospitalidade, Agier (2018) ressalta, porém, que hoje autores mais críticos tomam a hospitalidade pública como "[...] uma metáfora enganosa das políticas de acolhimento nacionais para falar, de fato, em controles migratórios"[7] (Agier, 2018, p. 50).

Diante disso, as práticas de hospitalidade tomam, não raro, a forma de uma mobilização social em redes locais e iniciativas individuais, congregando, portanto, gestos voluntários e engajamentos pessoais, adiante da carência do Estado ou de sua hostilidade perante certos estrangeiros. Entretanto, essa prática da hospitalidade que se dá no trabalho de voluntários, prefeitos, igrejas, entre outros exemplos, não é, do ponto de vista do autor, suficiente para garantir nem os direitos dos refugiados nem sua liberdade de circulação.

Se a chegada não é uma questão simples, tampouco o é adaptar-se a um novo país, com sua língua, seus valores, sua cultura, suas normas. O complexo processo de integração, para autores como Bernardot (2019, p. 63), envolve quatro etapas:

1) A competição, que se caracteriza pela concorrência entre migrantes e nacionais pelo acesso a bens econômicos essenciais (emprego e moradia).
2) O conflito, quando a situação de competição se torna consciente.
3) A acomodação, fase que, apesar de ainda comportar antagonismos, traz ajustes, implicando a adoção de novos modos de vida e de novos valores entre aqueles que migraram, as comunidades e a sociedade de acolhida.
4) A assimilação[8], que se desenvolve em um tempo mais longo, traduzindo-se pela adoção de valores e centros de interesse comuns.

Não podemos subestimar os muitos obstáculos e dificuldades que os refugiados e migrantes enfrentam na adaptação/integração ao novo país, sobretudo aqueles em situação irregular. Excluindo os que possuem um visto de trabalho ou de estudos, por exemplo, eles se inserem majoritariamente em segmentos mais precários e vulneráveis do mercado de trabalho, desempenhando tarefas inferiores a seu nível de qualificação e estando mais sujeitos ao desemprego (Peixoto, 2013; Lara, 2021).

Ora, se não é possível pensar em uma hospitalidade "incondicional e ilimitada", à la Derrida, como postulam seus críticos, perguntamos: como se dá, na prática, o acolhimento dos migrantes e refugiados em solo brasileiro? Que dificuldades eles enfrentam para se integrarem à nova sociedade? Tentaremos responder a essas questões, examinando as narrativas de vida de dois refugiados que vivem atualmente em Belo Horizonte (MG).

7 Tradução livre de: "*[...] une métaphore trompeuse des politiques d'accueil nacionales pour parler, en fait, de contrôles migratoires*".

8 O termo "assimilação" é controverso porque pode dar a entender que se trata de um processo pelo qual os migrantes se tornam similares aos autóctones. Bernardot (2019) defende, porém, que a integração e a adoção dos hábitos e dos valores dominantes no país de acolhida não implicam necessariamente o abandono da cultura de origem.

DOI 10.5935/1980-6914/eLETLL17338

Analisando as narrativas de vida

Conforme constatamos em Lara (2021; 2023), não existe, no âmbito da ADF, nenhuma metodologia pronta. Logo, cabe ao analista eleger as categorias que comporão seu "[...] dispositivo individualizado de análise" (Orlandi, 1999, p. 27). Em nosso caso, o dispositivo de análise será composto por alguns planos da Semântica Global de Maingueneau (2005), cujo foco é realizar uma abordagem integrada entre a enunciação (o dizer) e o enunciado (o dito). São eles: os "temas" (que podem ser impostos ou específicos, explicitados ou silenciados), o "vocabulário" (compreendendo, de forma ampla, as nomeações, os índices de avaliação, os modalizadores, entre outros), a "dêixis enunciativa" (que engloba as categorias de tempo e espaço, a que acrescento a categoria de pessoa) e o "modo de enunciação" (uma "maneira de dizer" – o tom do discurso, a escolha de palavras e argumentos, entre outros – que remete a uma "maneira de ser")[9] e que será associado ao *ethos* retórico (a imagem de si que o locutor constrói quando toma a palavra). Como se vê, os quatro planos escolhidos serão utilizados de forma mais abrangente do que faz o autor. Não detectamos, porém, discrepâncias entre o que ele propõe e a nossa "releitura" desses planos.

Já o *corpus*, contendo as narrativas de vida, será retirado do livro *Entre-lugares*: *trajetórias de migrantes, refugiados e apátridas* (2019). Trata-se de relatos recolhidos (via entrevista) pelas jornalistas Paula Dornelas e Roberta Nunes, com sujeitos deslocados que vivem, atualmente, na capital mineira. Esse livro apresenta uma particularidade quanto ao que chamamos de "narrativa de vida" (Bertaux, 2005): as histórias vão sendo tecidas a duas vozes: a do sujeito entrevistado, que fala em discurso direto, criando um efeito de sentido de autenticidade e de fidedignidade, e a da entrevistadora (Paula ou Roberta), que (re)conta uma parte do que ouviu com suas próprias palavras. Nesse sentido, poderíamos talvez considerar que estamos diante de narrativas de vida "híbridas". De qualquer forma, para contornar esse impasse, vamos privilegiar, nas análises, as falas dos próprios entrevistados.

Dado o caráter qualitativo-interpretativo da pesquisa, como apresentado na Introdução, e a impossibilidade de analisar as oito histórias que compõem o livro no espaço de um artigo, escolhemos duas histórias em que os narradores abordam mais detalhadamente as questões que nos interessam: o acolhimento e a integração no/ao Brasil:

Nome	Sexo	País natal	Idade
José Miguel	M	Venezuela	25 anos
Benediction	F	República Democrática do Congo	22 anos

Quadro 1 – Sujeitos migrantes em Belo Horizonte (MG)

Fonte: Elaborado pela autora.

9 Maingueneau (2005, p. 79-102) propõe outros três planos: a "intertextualidade", o "estatuto do enunciador e do destinatário" e o "modo de coesão", totalizando sete planos. Julgamos, porém, que os planos escolhidos são mais produtivos para o tipo de análise a que nos propomos (Lara, 2021; 2023).

Outra questão importante é que, para conferir ao texto maior fluidez, optamos por tratar dos temas e do vocabulário separadamente para cada um dos entrevistados, mas abordar a dêixis enunciativa e o modo de enunciação de forma conjunta, assim como vimos fazendo em trabalhos mais recentes (Lara, 2021; 2023). No caso dos temas, em consonância com nosso objetivo maior, restringiremos os temas impostos – aqueles que não podem faltar a um discurso para que ele seja bem aceito (Maingueneau, 2005) – ao acolhimento e à integração do migrante/refugiado à nova sociedade (com seus (sub)temas), em consonância com nosso objetivo. Feitos os esclarecimentos necessários, partimos para a análise das narrativas de vida selecionadas.

José Miguel: temas e vocabulário

Para destacar aspectos não contemplados pelos temas impostos e situar melhor as falas que serão analisadas em seguida, iniciamos com um rápido perfil de José Miguel. O venezuelano nasceu e viveu sua infância e juventude em Carora, uma cidade pequena e tranquila do Estado de Lara. Aos 23 anos, ingressou na Universidad Centroccidental Lisandro Alvarado (Ucla), localizada em Barquisimeto, para cursar Psicologia. Ele queria se dedicar à Psicologia Social, de modo a "[...] compreender com mais profundidade o ser humano e a sociedade, para impulsionar políticas públicas e sociais" (Dornelas; Nunes, 2019, p. 38). Ele se tornou líder entre seus colegas e passou a participar de protestos e manifestações em prol da segurança nacional e de outros problemas que assolavam seu país. Posteriormente, ingressou no movimento estudantil, tornando-se, portanto, alvo da repressão.

Em 20 de julho de 2017, quando saía da casa da mãe para se reunir com os líderes do bairro, José Miguel foi perseguido por um coletivo armado, agredido e preso. Foi liberado no dia seguinte, mas avisado de que seria investigado. Com as ameaças de morte que pairavam sobre ele e sua família, decidiu se mudar de país. Três meses depois da prisão, ele começou a fazer as primeiras conexões para sair da Venezuela. Foi assim que contatou amigos brasileiros que havia conhecido em 2013, durante a Jornada Mundial da Juventude, no Rio de Janeiro. À época, passou também algum tempo em Minas Gerais, onde fez amizade com Alessandro, Marcela e os irmãos Felipe e Augusto. Foram eles que o acolheram durante os primeiros meses no Brasil.

O trajeto para chegar a Belo Horizonte não foi fácil. Saindo de sua cidade natal de ônibus, no dia 1º de março de 2018, José Miguel atravessou a fronteira para a cidade de Pacaraima, no Estado de Roraima. De lá, pegou um táxi para Boa Vista (RR), de onde saiu seu voo para a capital mineira. Ao longo do caminho, deparou-se com a dura realidade de muitos outros venezuelanos que rumavam ao Brasil em busca de uma vida melhor. Como ele mesmo diz:

> *(T1) No caminho de ônibus para Pacaraima, vi as pessoas que não tinham dinheiro para pagar pelo trajeto e que demoravam três dias, a pé, para chegar até a fronteira. Pessoas com malas e deixando suas famílias, é muito difícil. [...] No meu caso, eu já tinha um plano, tinha um amigo que me receberia no aeroporto, voo comprado e comida para me alimentar. Eles não. Eles migram e vão para ficar em uma praça, em outro país, sem saber o idioma [...] é muito difícil* (Dornelas; Nunes, 2019, p. 51).

DOI 10.5935/1980-6914/eLETLL17338

Nesse trecho, em um primeiro vislumbre do tema do acolhimento, aparece o (sub)tema da extrema precariedade – atestada pelo uso repetido do índice de avaliação (muito) "difícil" – que a grande maioria de venezuelanos enfrenta para migrar para o Brasil (e outros países próximos, no quadro das migrações Sul-Sul), contrastando com a situação, de certa forma, privilegiada de José Miguel. Se, de um lado, temos expressões como: "não ter dinheiro", "três dias a pé", "pessoas com malas", "ficar em uma praça", "sem saber o idioma"; de outro, a expectativa de um trajeto e de um acolhimento positivos aparece em palavras e expressões como: "ter um plano", "ter um amigo", "aeroporto", "voo comprado", "comida".

Já em Boa Vista (RR), enquanto esperava o voo para Belo Horizonte, José Miguel se deparou, pela primeira vez, com a xenofobia. Ele e outra venezuelana que conheceu no aeroporto dirigiram-se a um restaurante perto dali para almoçar. Em suas palavras:

> *(T2) Uma menina grávida que estava lá também não tinha comido. Então, saímos [...] e fomos para um restaurante que estava perto. [...]. Mas tinham uns caras muito fortes lá perto que, enquanto caminhávamos de volta para o aeroporto, faziam um som com a garganta, como se quisessem mostrar que estavam ali. [...] E eles continuavam fazendo o barulho, começavam a gritar com a gente e eu não entendia nada. A menina ficou com muito medo. E eles começaram a cuspir em nós. Falavam: "Vai embora, vai embora" e cuspiam na gente* (Dornelas; Nunes, 2019, p. 51-52).

O (sub)tema da hostilidade para com o outro migrante/estranho/estrangeiro pode ser constatado por meio da rede lexical: (fazer) "barulho", "gritar", "cuspir", culminado com o "recado" bastante explícito: "Vai embora, vai embora". Foi esse o acolhimento que José Miguel e as duas moças experimentaram, em primeira mão, em nosso país, o que mostra que o povo brasileiro não prima exatamente pela cordialidade[10], como se quer fazer crer. Embora reconheça que foi bem recebido em Belo Horizonte e que seus amigos mineiros têm sido o porto seguro nos momentos mais difíceis, ele relembra outro episódio, acontecido em Pacaraima:

> *(T3) E sei que brasileiros queimaram as roupas, queimaram as coisas de muitas pessoas na fronteira com a Venezuela porque um cara roubou o outro. Querer queimar a roupa dos outros, de quem não tem a ver, de quem não tem o que comer [...] nossa! Dizer "vai embora, vai embora" é triste. [...] no fundo tem a xenofobia, o mundo não gosta de pessoas diferentes* (Dornelas; Nunes, 2019, p. 52).

Em (T3), a repetição de "queimar" (roupas e coisas) vai somar-se à exclamação "nossa!" e ao índice de avaliação "triste" para resumir o desapontamento e mesmo certa indignação de José Miguel. Desse modo, ele atrela o tema do acolhimento dos venezuelanos pelos brasileiros aos (sub)temas da hostilidade e da xenofobia.

Quanto ao tema da integração à nova sociedade – que envolve (sub)temas como trabalho, moradia e domínio da língua –, ele revela que a luta é diária e desafiadora. Em primeiro lugar porque, do seu ponto de vista, "[...] você não

10 Durante a Copa do Mundo de Futebol de 2014, realizada no Brasil, a então presidenta Dilma Rousseff (1947-) se valia frequentemente de estereótipos dos brasileiros como um "povo alegre e acolhedor", um povo que recebe os outros "de braços abertos" (Lara; Limberti, 2015), reforçando o imaginário de hospitalidade do país. Como se observa na narrativa de José Miguel (e de outros migrantes/refugiados), essa imagem está distante da realidade.

abandona só um lugar físico, você abandona sua mãe, deixa lá o seu pai", o que atesta o "processo doloroso de desenraizamento" (Bernard, 2002, p. 161) que a decisão de migrar envolve, mesmo que o sujeito esteja determinado a partir.

Confessa ainda que:

> *[...] tem o desafio de não saber o idioma, não saber como se deslocar de um lugar para o outro [...] Para mim, foi um choque. Eu nunca dependi de ninguém lá e passar por isso aqui me deu um pouco de tristeza* (Dornelas; Nunes, 2019, p. 53).

"Choque" e "tristeza" pelo desconhecimento do idioma português e a consequente dependência de outras pessoas para ações corriqueiras (como se deslocar na cidade) atestam que o domínio da língua do novo país tem importância capital para a plena integração do migrante (Bartram; Poros; Monforte, 2014; Bernardot, 2019). Nesse sentido, considerando as quatro etapas para a integração propostas por Bernardot (2019), diríamos que José Miguel, quando foi entrevistado, estava na primeira etapa: a da concorrência com os nacionais pelo acesso a bens econômicos essenciais (emprego e moradia).

Residindo atualmente na casa paroquial de uma igreja e trabalhando em um laboratório de produtos de higiene, José Miguel também se ocupa em dar palestras em eventos e escolas para falar da sua vida, da situação da Venezuela e da importância do acolhimento a migrantes e refugiados. Coloca-se, portanto, como porta-voz de muitos outros, "[...] que não têm a oportunidade que eu tenho de falar" (Dornelas; Nunes, 2019, p. 55).

Quanto ao futuro, o venezuelano pretende trazer o irmão, que mora na Colômbia, para que eles possam retomar os estudos, visto que, para ele, o Brasil se coloca como um país de referência na área educacional. Ele nada diz sobre seu estatuto legal nem sobre um eventual processo de regularização no Brasil ([sub]temas silenciados). Recordamos, porém, que, em 2018, o Comitê Nacional para os Refugiados (Conare), decidiu reconhecer a situação de "grave e generalizada violação de direitos humanos" referente ao povo venezuelano (Conare, 2019, p. 35). Essa decisão prevê, portanto, a simplificação de procedimentos para a tramitação, no Brasil, dos processos de venezuelanos, o que nos faz crer que o estatuto legal de José Miguel seja o de refugiado (ou, pelo menos, de solicitante de refúgio).

Antes da próxima narrativa de vida, cabem aqui alguns comentários. Uma primeira constatação diz respeito ao "embaralhamento" entre as categorias de migrante e refugiado. Isso porque o indivíduo que abandona seu país de origem o faz, comumente, movido por fatores complexos (e não exclusivamente, por exemplo, por razões de perseguição ou outra) (Clochard, 2007). No caso de José Miguel, se ele atende aos requisitos de refugiado[11], também teve motivações de um migrante típico, como buscar uma melhor qualidade de vida e dar continuidade aos estudos, como ele mesmo admite. Portanto, a ideia de um *continuum* entre migração forçada e migração voluntária (Bartram; Poros: Monforte, 2014) nos parece pertinente.

11 Artigo 1º - Será reconhecido como refugiado todo indivíduo que:
[...] III. devido a grave e generalizada violação de direitos humanos, é obrigado a deixar seu país de nacionalidade para buscar refúgio em outro país (Acnur, 2013, p. 7).

DOI 10.5935/1980-6914/eLETLL17338

Uma segunda constatação é a frequente ineficiência (ou mesmo omissão) do Estado diante de uma política de hospitalidade, ficando o acolhimento de migrantes e refugiados, não raro, sob a responsabilidade da sociedade civil (Agier, 2018). José Miguel valeu-se de amigos mineiros, que o acolheram inicialmente, e, em seguida, da igreja, visto que, quando foi entrevistado, residia em uma casa paroquial, como já foi citado anteriormente.

Benediction – temas e vocabulário

Assim como ocorreu com José Miguel, começaremos esta seção pelo perfil de Benediction, para, em seguida, analisarmos os temas que nos interessam (acolhimento e integração) e o vocabulário, integrantes de sua narrativa de vida.

A jovem, de 22 anos, havia deixado a República Democrática do Congo (RDC), situada na África Central, havia dois anos, quando foi entrevistada. Goma, a cidade natal de Benediction, tem sido um dos lugares mais assolados pelos combates no país, incluindo as guerras do Congo de 1998 e 2006. Essa nação sofre com confrontos políticos e étnicos, reforçados pela atuação de milícias e grupos armados congoleses e de países vizinhos. Além disso, violações recorrentes como assassinatos, mutilações físicas, abuso sexual e prisões arbitrárias contribuem para atestar o desrespeito aos direitos humanos na RDC.

Diante desse cenário, muitos congoleses têm optado por deslocamentos internos ou para países vizinhos (Burundi, Tanzânia, entre outros). A partida para outros países, como o Brasil, tem sido menor (13% do total de refugiados reconhecidos em nosso país entre 2007 e 2017).

Benediction conta sobre seus motivos para migrar para o Brasil:

> *Eu vim para estudar. A situação lá no meu país era muito difícil e eu sempre tive o sonho de estudar fora. Como lá no meu país era guerra, meu pai falou para eu vir. E quando cheguei aqui no Brasil, a situação do meu país só piorou [...] aí eu pedi refúgio* (Dornelas; Nunes, 2019, p. 119).

A congolesa admite, pois, ter vindo como migrante, com motivação estudantil, e ter decidido "transformar-se" em refugiada a partir da intensificação dos conflitos na RDC, o que apela novamente para um *continuum* que vai de uma condição a outra, embora estejamos diante de uma situação diferente da de José Miguel.

Assim, Benediction deixou para trás a família e veio sozinha para o Brasil, com a intenção de cursar a faculdade de Design de Moda e trabalhar na área da beleza. Seu voo pousou em Belo Horizonte, na véspera de Natal, em pleno verão. Ela confessa que nunca havia pesquisado sobre o Brasil antes de chegar aqui. Foi o pai, que é pastor e viaja muito, que lhe indicou este país como um bom lugar para se viver. Com isso, "acolhida", em primeira mão, pelo calor (a congolesa acreditava que o clima brasileiro era frio), ela designa sua reação como um "choque". Aliás, não é raro que as diferenças entre países no tocante ao clima, aos costumes, às normas sejam avaliadas dessa forma pelos migrantes recém-chegados (Lara, 2021; 2023), sobretudo quando não têm conhecimentos sobre o país a que se dirigem.

Além disso, já entrando no tema do acolhimento, Benediction conta que teve de enfrentar a hostilidade de certas pessoas em solo brasileiro. Em suas palavras:

> *(T4) Eu estava dentro do ônibus e uma senhora chegou e entrou dentro do ônibus, me olhou e não quis sentar perto de mim. Aí eu pensei: deve ser porque eu sou negra, porque tinha só esse lugar no ônibus e ela quis ficar em pé. Quando era para eu descer, que eu dei sinal, ela foi lá e sentou. Ela ficou me olhando, sabe, como se eu não fosse uma pessoa? Quando o olhar meio que fala [...]* (Dornelas; Nunes: 2019, p. 120).

O (sub)tema da hostilidade/discriminação contra o estrangeiro assume um novo viés: o racial. Veja-se, porém, que Benediction não foi agredida explicitamente como José Miguel; ela sofreu uma discriminação sutil, velada, que, no entanto, a incomodou. Afinal, esse tipo de discriminação talvez seja mais perverso por significar, simulando que não significa. Nesse caso, não foram as palavras que hostilizaram Benediction, mas o "olhar", como se ela fosse um ser estranho. Essa discriminação velada pode assumir outras nuanças, por exemplo, vir sob a forma de deboche, simulando, porém, ser apenas uma brincadeira inocente.

Como a própria Benediction relata com seu sotaque francês (principal idioma da RDC):

> *(T5) Por causa do português, as pessoas estavam zoando de mim, mas era brincadeira. Eu não falava o português muito bem, mas estava falando sério, com cara de séria, e a pessoa estava rindo de mim [...] eu ficava muito nervosa, ficava com raiva. Muito mesmo. Ficava muito brava quando as pessoas brincavam* (Dornelas; Nunes, 2019, p. 121).

A rede lexical "zoar", "rir", "brincar" revela um lado sutil de discriminação que nem por isso deixa de afetar o migrante/refugiado que está se esforçando por dominar a língua local, o que gera sentimentos como "raiva" e "nervosismo". Em outras palavras, hostilidade, discriminação, xenofobia, que podem ser veiculadas de forma mais agressiva ou mais sutil, parecem fazer parte do acolhimento que muitos brasileiros reservam aos estrangeiros, o que observamos tanto no caso de José Miguel quanto no de Benediction.

Um tema específico que emerge na narrativa de vida de Benediction é a imagem estereotipada que os brasileiros – avaliados como "metidos", ou seja, aqueles que se julgam superiores aos outros – têm da África:

> *(T6) E tem muita gente metida que, quando vê que você vem da África, acha que esse lugar é o fim do mundo, no interior do interior. Elas não sabem que na África tem as casas bonitas, tem pessoas que saem de fora para estudar lá. Não sabem que lá tem carros bonitos. Não sabem que minha vida no Congo era muito melhor do que a vida aqui. Aí a pessoa acha que você não tem nada e que só existe problema na África [...] pensa que você é pobre [...]* (Dornelas; Nunes, 2019, p. 121-122).

Expressões e vocábulos negativos como "fim do mundo", "interior do interior", "não ter nada", "problema", "ser pobre" revelam profundo desconhecimento da África por parte de muitos brasileiros (não por acaso, "não saber" é repetido várias vezes) e contrastam com as "casas bonitas", os "carros bonitos" e com as pessoas que lá realizam seus estudos. Apesar disso e dos episódios de discriminação que sofreu, Benediction afirma ser feliz e grata pela acolhida no Brasil: "Eu gosto muito do povo brasileiro porque eles gostam muito dos estrangeiros" (Dornelas; Nunes, 2019, p. 122).

DOI 10.5935/1980-6914/eLETLL17338

O "gostar muito", que une brasileiros e estrangeiros, na perspectiva da congolesa, soa um tanto quanto paradoxal, revelando os sentimentos dúbios vivenciados pelo migrante/refugiado em um país que não é originalmente o seu e que ele nem sempre compreende. Daí, o "choque", a "estranheza". Porém, há também outro lado: o daqueles que acolhem, que ajudam: os voluntários, as organizações não governamentais (ONGs), o que aponta para a ineficiência das políticas de Estado para migrantes e refugiados (Agier, 2018), visto que as disposições contidas no papel (nas leis) nem sempre são do conhecimento desses sujeitos e/ou que nem sempre são colocadas em prática.

Quanto ao tema da integração, envolvendo trabalho, moradia e domínio da língua ([sub]temas), Benediction viveu inicialmente na casa de um amigo do pai, Paulo, que é voluntário na ONG brasileira Faces do Congo. Depois, com a ajuda de outro voluntário e presidente dessa ONG, Wallace, e de sua esposa, Rute, conseguiu um primeiro emprego em um salão de beleza. O domínio do português veio com o estudo em um curso de línguas da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), que, pela distância em relação à casa de Paulo, levou-a a se mudar para uma república.

Foi lá que ela conheceu outras intercambistas congolesas da UFMG e, em parceria com uma delas, fundou a Benkip Fashion®, marca de roupas e acessórios em estilo africano. Benediction também dá aulas de francês em uma escola de idiomas, em Belo Horizonte, e faz maquiagens, tendo criado o canal *Benkip Beauté* no YouTube®, em que, além de disponibilizar tutoriais de maquiagem para peles negras e ensinar formas de usar turbante, discorre sobre as diferenças culturais entre o Congo e o Brasil.

Ela ainda não desistiu de fazer um curso superior na UFMG, dentro das vagas oferecidas para refugiados, seu estatuto atual. Entretanto, diferentemente de José Miguel, que não tem planos futuros de retornar à Venezuela, Benediction, afirma que, concluída a faculdade, quer voltar para casa e retomar suas raízes. Assim, apesar da intenção de não permanecer no Brasil, ela parece mais bem integrada à nova sociedade do que José Miguel, possivelmente adentrando a fase 3 – a da acomodação (Bernardot, 2019).

A dêixis enunciativa e o modo de enunciação nas duas narrativas

Tanto José Miguel quanto Benediction citam duas etapas de suas vidas, ligadas pelo deslocamento: um "aqui-agora" – no Brasil, no presente – e um "lá-então" – no país natal, no passado. E, apesar das dificuldades que relatam, entre elas os episódios de hostilidade/discriminação sofridos, ambos parecem estar minimamente satisfeitos com a vida que levam no País, se bem que a congolesa fale mais explicitamente desse assunto do que o venezuelano.

Quanto à categoria de pessoa, se, como comentamos, uma parte dos relatos é narrada em 3ª pessoa: "ele"/"ela", a cargo da(s) entrevistadora(s), nas falas em discurso direto, predomina um "eu" que (se) conta ao outro ("tu"/entrevistadora), o que é compatível com o gênero "narrativa de vida". Assim, essas duas vozes se entrelaçam polifonicamente, criando um efeito de sentido ora de objetividade, ora de subjetividade.

Esse "eu" pode deslizar para um "nós"/"a gente" (migrantes/estrangeiros), que, além de mostrar o pertencimento do sujeito a um grupo, a uma comunidade, opõe-se, não raro, ao "eles" (nativos), como é o caso de: "E eles começaram a

cuspir em nós. Falavam: 'Vai embora, vai embora' e cuspiam na gente" (José Miguel, p. 51-52). O "eles(as)", porém, também pode designar os amigos e/ou os outros migrantes do mesmo país, como se vê em: "Aí eu falei com as meninas [da república] que sabia costurar, mas que não tinha a máquina. Elas ficaram assustadas [...]" (Benediction, p. 124). "Eu penso que a minha realidade não é tão difícil, entendeu? [...] Tem pessoas que estão caminhando para chegar da Venezuela até a Colômbia. [...] Elas passam pelos Alpes (*sic*) e morrem" (José Miguel, p. 55). O "você" também se faz presente, seja dirigindo-se à entrevistadora, seja designando qualquer pessoa na mesma situação: "você genérico" (ver T7, a seguir). De qualquer forma, a 1ª pessoa do singular predomina amplamente nas falas dos entrevistados.

Quanto ao modo de enunciação, não é difícil diagnosticar, ao longo das duas narrativas, um *ethos* de fragilidade, que se esteia em um tom de tristeza, de decepção, como em:

> *(T7) O desafio maior de toda a minha vida é o que estou tendo agora, porque estou tendo uma luta interna, por causa de tudo o que deixei lá, estou passando um processo difícil. [...] você não abandona só um lugar físico, você abandona a sua mãe, deixa lá o seu pai. Eu ainda estou lidando com tudo isso. (José Miguel)* (Dornelas; Nunes, 2019, p. 53).

> *(T8) Lá [na RDC] só tem as tribos. Mas racismo por causa da cor, não. Aqui eu fiquei muito chocada! [...] No meu país todos somos negros. É claro que tem os brancos, mas são os estrangeiros. E a gente ama os estrangeiros [...] E, quando eles chegam lá, a gente trata todos eles bem [...]. Então, quando uma pessoa me trata com racismo, eu penso que ela é como nada [...] Por que como uma pessoa pode me tratar assim? (Benediction)* (Dornelas; Nunes, 2019, p. 121).

Em (T7), o tom de tristeza esteia-se em palavras e expressões como "desafio", "luta interna", "processo difícil", "abandonar" e "deixa" – verbos repetidos duas vezes, indicando ênfase. Já em (T8), o tom é mais de decepção, revelado por palavras como "racismo" e "chocada". O *ethos* de fragilidade, às vezes, é exacerbado por um tom de indignação, como vimos nos trechos em que Benediction fala da forma como as pessoas debocham de seu português (T5), ou no caso de José Miguel, quando ele comenta o episódio de hostilidade vivenciado por venezuelanos em Pacaraima (T3). Nesses casos, o *ethos* de fragilidade mantém-se por meio de um sentimento de impotência diante dos fatos vivenciados.

Esses tons mais negativos, que predominam nas duas narrativas, tornam-se, porém, positivos em alguns momentos: quando eles falam dos planos futuros ou se mostram agradecidos pelo apoio dos amigos. Nesse caso, o tom que prevalece é de otimismo e de esperança, o que revela um *ethos* de resiliência, entendida como a capacidade do sujeito de imprimir um novo rumo a sua vida, adaptando-se às mudanças e superando obstáculos: "O mundo tem muita coisa ruim, mas eu também vejo que tem muita gente que ajudam os outros a continuarem a sua vida [...]. Isso me dá esperança, sabe? Me leva a continuar" (José Miguel, p. 54). "Para mim, estou realizando meus sonhos; estou trilhando meus caminhos" (Benediction, p. 126).

Se cada narrativa é única e seu sujeito, singular, para além das semelhanças já apontadas ao longo das análises – (sub)temas como xenofobia e discriminação; o necessário apoio de amigos na acolhida e na integração ao novo país, a

DOI 10.5935/1980-6914/eLETLL17338

forte presença de um "eu" que (se) conta ao outro; a predominância de um *ethos* mais fragilizado, substituído, em alguns momentos, por um *ethos* de resiliência –, não podemos deixar de observar também diferenças significativas entre as duas narrativas, por exemplo, o fato de José Miguel se ver como um porta-voz do direito de migrantes, enquanto Benediction se empenha em mudar a imagem que os brasileiros têm do seu país e do continente africano. Isso faz que cada um deles empreenda o próprio percurso (e a própria narrativa), rumo à integração e à realização de planos futuros, sobretudo o de estudar.

Considerações finais

Se, como afirma Boudon (2017), em sua crítica à proposta de Derrida, a hospitalidade deve ser considerada a partir das condições efetivas de acolhida, recebendo um tratamento "realista", já que ela é, antes de tudo um conceito político, é preciso implementar as políticas públicas de acolhimento, assistência e integração já existentes e propor outras que consigam, de fato, dar aos migrantes e refugiados uma vida digna.

Sant'Ana (2022, p. 26) explica, com base em Carvalho e Alves (2018), que as políticas de assistência abarcam três eixos principais: saúde, alimentação e moradia. Se o primeiro eixo se refere, por exemplo, à garantia, com base na *Constituição Federal de 1988* (Brasil, 1988), de atendimento em hospitais públicos a todos os estrangeiros, o segundo e o terceiro eixos recobrem iniciativas que procuram oferecer alimentos mais baratos para os refugiados, além de assistência no âmbito da moradia por meio de abrigos públicos e albergues.

Já as políticas de integração voltam-se à educação, ao trabalho e à cultura, por exemplo, o oferecimento de aulas de Língua Portuguesa e de cursos profissionalizantes. Apesar disso, muitos migrantes e refugiados, além de conhecerem pouco seus direitos, têm acesso precário aos serviços públicos.

Como vimos nas narrativas de vida de José Miguel e de Benediction, do ponto de vista prático, as iniciativas para o acolhimento e a integração dos sujeitos deslocados têm sido empreendidas mais por iniciativas individuais (amigos) e de instituições (igreja, ONGs, entre outros) que pelo Estado. Isso enseja, portanto, uma ampliação e uma maior divulgação das políticas públicas voltadas a esse público em situação de vulnerabilidade, com maior conexão entre as esferas municipal, estadual e federal.

No entanto, há de conscientizar a população brasileira para que assuma atitudes mais positivas (e realistas) diante dos migrantes e refugiados, visto que eles, no geral, longe de serem "invasores", "criminosos" ou, no outro extremo, sujeitos carentes e dignos de pena, são basicamente pessoas de bem, que querem levar uma vida decente, trabalhando e/ou estudando no país que os acolheu, como eles próprios revelam. Deve-se, pois, evitar toda forma de intolerância para com pessoas que já se mostram fragilizadas por terem abandonado suas raízes, como mostram as narrativas analisadas.

Bauman (2017, p. 10) destaca que, diante da atual "migração em massa", fenômeno cuja interrupção se mostra altamente improvável, deveríamos, em lugar de construir muros e fortificar fronteiras, apostar "na prova da conversa como caminho supremo para a compreensão mútua, o respeito recíproco e o acordo final", visando a uma "convivência pacífica e mutuamente benéfica, colaborativa e solidária" (Bauman, 2017, p. 113-114).

Como apontamos em Lara (2021), consideramos que uma das formas de participação nesse "espírito de solidariedade" para com o outro (migrante/refugiado) é investir em estudos sobre narrativas de vida, pois elas criam a oportunidade de um contato maior com esses sujeitos deslocados, por meio de uma relação (dialógica) entre "lugar de fala" e "lugar de escuta". Além disso, a divulgação de suas histórias (como fizeram as autoras do livro e como buscamos fazer aqui) é um modo de lhes conferir a visibilidade/audibilidade que eles merecem ter na nova sociedade em que vivem.

Reception and integration in the discourse of displaced people in Brazil

Abstract: The objective of this paper is to analyze, in the light of French Discourse Analysis, life narratives of two migrants/refugees, so as to seize how they report their reception and adaptation to Brazil. The results show that if, on the one hand, the two narrators complain about the hostility with which they were received by some Brazilians, on the other, they emphasize the support of friends and institutions (church, NGOs) in their reception/integration. This reveals a certain inefficiency of the State in proposing public policies that can provide displaced people with a dignified life.

Keywords: Displaced people. Reception. Integration. Discourse analysis. Brazil.

Referências

ACNUR. Perguntas e respostas. 2013. Disponível em: https://www.acnur.org/br/perguntas-e-respostas. Acesso em: 10 nov. 2022.

AGIER, M. *L'étranger que vient*: repenser l'hospitalité. Paris: Seuil, 2018.

BARTRAM, D.; POROS, M. V.; MONFORTE, P. *Key concepts in migration*. London: Sage, 2014.

BAUMAN, Z. *Estranhos à nossa porta*. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

BERNARD, P. *Immigration*: le défi mondial. Paris: Gallimard, 2002.

BERNARDOT, M-J. *Étrangers, immigrés*: (re)penser l'intégration. Rennes: Presses de L'École des Hautes Études en Santé Publique, 2019.

BERTAUX, D. *Le récit de vie*: le récit de vie. 4e. édition. Paris: Armand Colin, 2005.

BISIAUX, S-A. *En finir avec les idées fausses sur les migrations*. Ivry-sur-Seine: Les Éditions de L'Atelier/Éditions Ouvrières, 2021.

BOUDON, B. *La politique de l'hospitalité*: une généalogie conceptuelle. Paris: CNR Éditions, 2017.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. *Constituição Federal de 1988*. Brasília, DF, 5 de outubro de 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm. Acesso em: 25 jun. 2025.

CALABRESE, L. Diversité, entre constat et injonction. *In*: CALABRESE, L.; VENIARD, M. (éd.). *Penser les mots, dire la migration*. Bruxelles: Academia; Paris: L'Harmattan, 2018. p. 71-79.

CANUT, C.; SOW, A. Les voix de la migration: discours, récits et productions artistiques. *Cahiers d'Études africaines*, Paris, p. 9-25, 2014. Disponível em: https://doi.org/10.4000/etudesafricaines.17578. Acesso em: 3 nov. 2022.

CARVALHO, D. B.; ALVES, R. V. S. *Refugiados no Brasil*: o tratamento jurídico-administrativo dos venezuelanos em situação de refúgio no território nacional. 2018. 29 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Direito) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2018. Disponível em: http://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/24015/1/RefugiadosBrasilTratamento.pdf. Acesso em: 25 jun. 2025.

CLOCHARD, O. Les réfugiés dans le monde entre protection et illégalité. *EchoGéo, Paris,* v. 2, p. 1-8, Sept./Nov. 2007. Disponível em: http://echogeo.revues.org/1696. Acesso em: 22 jul. 2024.

DERRIDA, J. *Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar da hospitalidade*. São Paulo: Escuta, 2003. 144 p.

DORNELAS, P.; NUNES, R. *Entre-lugares*: trajetória de migrantes, refugiados e apátridas. Belo Horizonte: Jornalismo na Fronteira, 2019.

EMMANUELLI, X. *Accueillons les migrants*! Ouvrons nos portes, ouvrons nos coeurs. Paris: L'Archipel, 2017.

FONTANILLE, J. Ethos, pathos, et persuasion: le corps dans l'argumentation. Le cas du témoignage. *Semiotica*, [*on-line*], v. 163, n. 1-4, p. 85-109, 2007.

LARA, G. M. P. *Entre experiências e memórias*: narrativas de vida de migrantes brasileiros na Europa. Campinas: Pontes, 2023.

LARA, G. M. P. *Vivendo do outro lado do Atlântico*: histórias de brasileiros em Portugal. Coimbra: Grácio Editor, 2021.

LARA, G. M. P.; LIMBERTI, R. C. P. (org.). *Discurso e (des)igualdade social*. São Paulo: Contexto, 2015.

MACHADO, I. L. A life story forged by successive migrations: the case of Lucia. *Revista da ABRALIN*, Campinas, v. 20, n. 3, p. 136-157, dez. 2021. (Dossiê "Migrações e refúgio: abordagens discursivas").

MACHADO, I. L. *Narrativas de vida*: saga familiar & sujeitos transclasses. Coimbra: Grácio Editor, 2020.

MAINGUENEAU, D. *Gênese dos discursos*. Tradução Sírio Possenti. Curitiba: Criar, 2005. 189 p.

NOSSIK, S. Introduction: Le récit de soi entre conformisme et émancipation. *Semen*, Besançon, n. 37, 2014. Disponível em: https://journals.openedition.org/semen/9860. Acesso em: 10 nov. 2022.

ORLANDI, E. P. *Análise de discurso*: princípios & procedimentos. Campinas: Pontes, 1999.

PEIXOTO, J. Imigração, emprego e mercado de trabalho em Portugal: os dilemas do crescimento e o impacto da recessão. *In:* FONSECA, M. L.; GÓIS, P.; MARQUES, J. C.; PEIXOTO, J. (org.). *Migrações na Europa e em Portugal*. Coimbra: Almedina, 2013. p. 159-184.

SANT'ANA, M. F. *A migração de venezuelanos para o Brasil*: representações sociais e imaginários (socio)discursivos em narrativas de vida e textos jornalísticos. 2022. 364 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2022. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/44920/1/A%20migracao%20de%20venezuelanos%20para%20o%20Brasil%20representacoes%20sociais%20e%20imaginarios%20%28socio%29discursivos%20em%20narrativas%20de%20vida%20e%20textos%20jornalisticos.pdf. Acesso em: 25 jun. 2025.

WENDEN, C. W. de. *Immigration*: chance ou menace? Paris: Pour Les Nuls, 2020. (Collection Pour les nuls – Ça fait débat!).